

Da Bessarábia às margens do Rio Tiquié: a busca por uma família

From Bessarabia to the banks of the Tiquié River: the search for a family

ANA ARRUDA CALLADO

INTRODUÇÃO¹

A antropóloga Berta Gleizer Ribeiro, considerada até hoje a maior especialista na cultura material dos indígenas do Brasil, nasceu em 1924, na cidade de Beltz, na Bessarábia, região que então estava anexada à Romênia, governada por Fernando I, que havia declarado o Partido Comunista ilegal e fazia violenta repressão aos judeus. E Berta era a segunda filha de um casal de judeus comunistas, Motel e Rosa Gleizer. A primeira, Genny, tinha nove anos.

Em 1929, o pai resolve vir para o Brasil, onde esperava se estabelecer com a família. Rosa, sem ele, não suporta as privações pelas quais passava, sem ter como se sustentar e às duas filhas, e se suicida. As meninas ficam sós, até que uma entidade judia, a *Jewish Colonization Association*, entrega-as a um rabino inglês, Raffallowich, que as traz para o Rio de Janeiro, em 1932.

Berta, com oito anos, tem por algum tempo a sensação de amparo familiar — apesar de sem a mãe — morando com o pai e a irmã mais velha em um quarto alugado na Rua do Riachuelo, na Lapa. Mas este “quase bem-estar” dura pouco. Em 1934 a irmã vai para São Paulo trabalhar em uma fábrica de tecidos.

Acontece então, na cidade, uma reunião preparatória do I Congresso da Juventude Proletária e Estudantil de São Paulo. A polícia invade o local e prende todos os que ali estavam, inclusive Genny Gleizer.

Em várias entrevistas, quando estava presa e bem depois, ela negou que estivesse participando do evento, afirmando que só entrara no recinto para procurar um rapaz com

¹ Todas as notas de rodapé inseridas ao longo do texto são de responsabilidade da edição.

quem marcara um encontro e que não aparecera. Segundo seus muitos depoimentos, ela nem sabia o que se passava naquele salão.

Todos os participantes presos naquela ocasião foram soltos logo depois de prestarem depoimentos, menos Genny, então com 17 anos. Ela esteve em oito cativeiros diferentes, porque houve grande movimentação em São Paulo contra sua prisão, particularmente por ela ser menor de idade. Cada vez que havia um protesto público ou se descobria onde ela estava, a Polícia Política de Getúlio, às vésperas da ditadura do Estado Novo, mas já em clima de forte antissemitismo, a transferia. Em uma das prisões, em Campinas, um repórter a entrevistou; Genny foi logo depois removida dali.

Os protestos, liderados por seu pai, Motel, aumentaram quando se soube que Genny seria deportada. O jornalista Arthur Piccinini decidiu então se casar com ela, para impedir a deportação. Mais tarde Genny contaria que nunca soube deste casamento, que chegou a se concretizar, por procuração, no dia 18 de outubro de 1935, quando a “noiva” já estava presa em um navio em alto-mar.

Getúlio Vargas assinou o decreto de deportação de Genny para a Romênia em 12 de outubro de 1935, e ela foi embarcada no cargueiro francês Aurigny. Mas o comandante do navio, de acordo com um grupo de marinheiros, a desembarcou no primeiro porto francês onde fez escala e a entregou ao Socorro Vermelho Internacional.

Protegida por entidades comunistas e judias, Genny esteve em vários países, casando-se na Venezuela, onde teve uma filha, Renée, com um boliviano. Acabou se fixando nos Estados Unidos, com o nome de Jenny Simoza, falecendo em 1999, em Nova York.

Berta, até chegar à vida adulta, teve pouquíssimas relações com a irmã, não reatando jamais nenhum laço de verdadeira irmandade. Jenny e Renée nunca formaram uma família para ela.

A morte do pai é mais uma terrível sombra na vida de Berta. Ela contou à amiga Maria Stella de Amorim (que chegou a ser presidente da Fundação Darcy Ribeiro, onde está uma parte do imenso e precioso acervo de livros, pesquisas e objetos indígenas que Berta deixou) que Motel morrera na França, de tuberculose, depois de viajar por várias cidades à procura de Genny. Mas há outras versões.

Três meses depois da expulsão de Genny, no início de 1936 — auge da repressão aos imigrantes no Brasil —, a polícia política invade um centro cultural de trabalhadores

judeus onde funcionava a redação do semanário *Der Unboib* (O Começo), e prende os estrangeiros que lá se encontravam, sendo a maioria deportada.

Entre eles estaria Motel Gleizer, que teria sido embarcado no navio Bagé em abril de 1936. Segundo esta versão, assim como Genny, ele teria sido resgatado na França, junto com outros dos que haviam sido expulsos do Brasil, mas acabara posteriormente sendo preso e assassinado em um campo de concentração.

O fato é que Berta fica mais uma vez órfã e sozinha no Brasil, e passa a ser cuidada por famílias de imigrantes judeus comunistas entre o Rio de Janeiro e São Paulo, sempre sob a tutela do Partido Comunista Brasileiro.

Quando enfim, em São Paulo, está com a família Friedman, consegue estudar sem ser às escondidas, como acontecia no Rio. Matricula-se então na Escola de Comércio Álvares Penteado e faz o curso técnico de Contabilidade, onde aprende datilografia. Em 1940, consegue um emprego e muda-se para um quarto de pensão.

Mais uma vez sozinha, ela lembra sempre este passo não com tristeza, mas como a primeira sensação de liberdade que experimentara na vida. Contava-o assim, posteriormente, com entusiasmo, a vários amigos: “Afim eu podia dormir com a porta do quarto fechada à chave!”

Em 1946, Berta participa de um comício do Partido Comunista em São Paulo, ao lado de um rapaz que segura uma faixa. Ele pede a Berta que leve um cigarro para o estudante de Sociologia de nome Darcy, que está segurando a faixa do outro lado da rua. Ali mesmo começam a namorar.

O namoro foi tumultuado desde o início pelo Partido Comunista, que ainda tutelava Berta e, não aprovando sua ligação com Darcy, embora este também fosse filiado, a enviou para trabalhar na sede do Comitê Central, no Rio de Janeiro. Mas eles continuaram a namorar às escondidas, Darcy viajando todo fim de semana para o Rio.

O Partido Comunista descobre o romance e envia Berta para Nova York, para passar um tempo com a irmã (o que comprova a ligação de Genny com os comunistas, fato que ela negaria em muitas ocasiões). Apaixonada por Darcy, e não se sentindo à vontade com Genny, Berta fica poucos dias nos Estados Unidos. Teve raros encontros depois com a irmã, que lhe escrevia cartas eventuais. Este pouco amor pela irmã, ousou interpretar, possivelmente era porque Genny a havia privado do pai, que fizera uma tentativa para lhe devolver uma família.

Volta ao Brasil e vai em seguida ao encontro do namorado, que estava no Pantanal matogrossense, em trabalho de campo com os índios Kadiweu.

Começava então uma nova e importantíssima fase da vida de Berta Gleizer, quando ela chega a sonhar que enfim tinha uma família. Mas não foi simples assim.

Torna-se discípula de Darcy, iniciando sua carreira de etnóloga, sem ter nenhuma graduação. Como tudo na vida de Berta, esta mudança e subida de *status* não foi tranquila. Ela se assustou com o novo modo de vida entre os índios, inclusive por ter que andar a cavalo, no que jamais pensara. Além disso, estranhou muito a familiaridade daquelas mulheres nuas com seu namorado. Não compreendia a cultura de gente tão diferente. Mas, ao invés de se afastar, resolve estudá-los para compreendê-los melhor. Esta era Berta.

No seu livro autobiográfico *Confissões*, Darcy registra este início de carreira de Berta.

Colaborou de forma assinalável comigo como auxiliar de pesquisa e teve sua primeira formação como etnóloga capacitada para observação direta. Nos anos seguintes, Berta aprofundou seus estudos me ajudando a elaborar os materiais colhidos na redação de meus livros sobre a arte, a religião e a mitologia dos Kadiwéu.²

A vida a dois era então de completa felicidade, segundo depoimentos de ambos, embora Darcy fosse um mulherengo incurável. É ele mesmo quem conta, nas *Confissões*:

Berta, sendo bela e doce, me apaixonou. Danado que sou, quis mantê-la com outras duas namoradinhas que tinha, uma baiana belíssima, Vivanita, e uma paulista judia, Rosa. Berta um dia juntou nós quatro numa festinha e me disse, escandindo as palavras: “Escolha quem quer. A mim não vai enganar³.”

Por esta época havia corrido um boato em Montes Claros, terra natal de Darcy, de que ele estaria vivendo com uma bailarina da Europa Oriental. A mãe, Dona Fininha, fica alarmada, mas, quando conhece Berta, seu temor acaba. Ela então insiste com o filho para que case de verdade, de papel passado. Mário, o único irmão, também pressiona para que isto aconteça.

Berta não queria casar, porque não gostava de papéis e também porque não queria chamar a atenção para seu nome de família; o caso de Genny ainda não havia sido esquecido. Depois que concordou, passou a omitir o sobrenome Gleizer e assinar sempre Berta G. Ribeiro. Darcy tinha sido recentemente admitido na Seção de Estudos do Serviço de Proteção aos Índios — SPI. Tinha então um emprego fixo.

² Ver em Darcy Ribeiro (2012, p. 23).

³ Esse trecho do livro está reproduzido no site da Fundação Darcy Ribeiro (<https://fundar.org.br/berta-gleiser/>)

O casamento realizou-se no dia 28 de maio de 1948, no Rio de Janeiro, tendo como testemunhas o antropólogo Max Bodin e Mário Ribeiro, o irmão do noivo. Bodin estudava então a cultura dos Maxacali, indígenas do Vale do Mucuri, em Minas Gerais. Berta tinha 24 anos, Darcy, 25.

Vão morar no bairro de Vila Isabel, mas pouco depois se mudam para a Boca do Mato⁴, em uma casa onde realizavam muitas reuniões do Partido Comunista. A parceria no trabalho também continuava. Em 1948 e 1949 os dois estiveram entre os Kaiwá, Terena e Ofaié-Xavantes, do sul de Mato Grosso.

Em 1949 Darcy começa a escrever o diário que só seria publicado em 1996, quando ele e Berta já estavam havia tempos separados e muito doentes. A doença acabou unindo-os em uma relação de muito afeto e respeito mútuo. Estive com os dois, então, mais de uma vez, para testemunhar esta fase bonita da relação deste casal admirável. Uma das vezes, no apartamento de Berta, Darcy pediu: “Berta, vamos nos casar outra vez??” Ela riu, e, embora tenha classificado a ideia como completamente absurda, seu sorriso na resposta foi doce.

Berta, abro esse diário com seu nome. Dia a dia escreverei o que me suceder, sentindo que falo com você. Ponha sua mão na minha e venha comigo. Vamos percorrer mil quilômetros de picadas pelas florestas, visitando aldeias índias que nos esperam, para conviver com eles, vê-los viver, aprender com eles⁵.

Este apontamento de Darcy, citando o aprendizado que os ditos primitivos podem dar aos que assim os classificam, me levou a lembranças pessoais que não consigo deixar de citar. Quando Ruy Guerra filmou o romance Quarup, de Antonio Callado, fui com meu marido ao Xingu, onde passamos uma semana em uma barraca, entre as aldeias Kuikuro e Kamaiurá. Aprendi muito, assim como nosso neto Júlio, que levamos conosco, porque o pai dele, Paulo, fazia parte da equipe de filmagem. Na primeira noite, Júlio que, para susto do avô, tinha passado a tarde desaparecido, surgiu eufórico, anunciando: "Aprendi a pegar pirilampo!"

Tomar banho de rio era uma das melhores diversões ali, para quem não tinha tarefas específicas, ou mesmo para o pessoal da equipe quando tinha folga. E aí veio outro aprendizado. Uns três ou quatro índios levavam a canoa com os banhistas folgados. Deixavam a gente onde era melhor para megulhar, se despediam e iam bem adiante.

⁴ Situado no bairro do Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro (RJ).

⁵ Este trecho, referente a uma anotação de 20 de novembro de 1949, está reproduzido no site da Fundação Darcy Ribeiro (<https://fundar.org.br/saudades-de-berta>).

Estranhei. E me explicaram: “Eles tomam banho logo adiante, porque acham ridículo a gente de maiô e calção de banho. Ficam nus, mas não querem escandalizar os bobos”.

Callado quis rever um Kamaiurá que tinha conhecido em viagem anterior e perguntou por ele. Paulo descobriu o índio e o levou para conversar com o pai. Antonio, sorridente, aproximou-se e disse: “Que bom revê-lo, Fulano (o nome que meu marido lembrava)”. O homem sorriu também e abriu os braços para o abraço, mas avisou: “Eu não me chamo mais Fulano. Dei o nome a meu filho. Agora sou Sicrano (outro nome)”. Gostei de saber: deu, está dado. Entre eles é assim.

De 1948 a 1974 Berta datilografou todos os manuscritos de Darcy. Além disso, fichava o material, pesquisava a bibliografia e traduzia para ele os livros em inglês, francês e espanhol. É espantoso como ainda achava tempo para sua própria obra.

Em 1950, Berta matricula-se no curso de bacharelado de História e Geografia da Universidade do Distrito Federal (hoje Universidade do Estado do Rio de Janeiro)⁶. Formada em 1953, vai ensinar Geografia do Brasil no Instituto Lafayette e inicia um estágio na Divisão de Antropologia do Museu Nacional, onde começa a criar uma classificação dos adornos plumários dos Urubu-Kaapor.

O trabalho é editado em 1957, pela *Civilização Brasileira*, com os dois, Berta e Darcy, dividindo a autoria, e ilustrado com pranchas da francesa Georgette Dumas, que trabalhara com Berta no Museu Nacional⁷. A *Civilização Brasileira* era então dirigida por Ênio Silveira, um dos grandes nomes da história do livro no Brasil. Uma edição especial desse livro foi publicada pelos Laboratórios Silva Araújo-Roussel e distribuída como cortesia à classe médica.

A cidade de Brasília tinha apenas dois anos quando ganhou sua universidade federal, que nasceu do trabalho de uma equipe liderada por uma trinca de sábios brasileiros: Darcy Ribeiro, Anísio Teixeira e Oscar Niemeyer. Foi inaugurada no dia 21 de abril de 1962. Mas o trabalho de pensá-la começou bem antes, na casa de Berta e Darcy no Rio, como me contou a professora Maria Laura Leite Lopes, viúva do físico pernambucano José Leite Lopes: “No final dos anos 50, Darcy ligou lá para casa e disse: ‘Leite, acabei de voltar do Catete e falei com Cyro dos Anjos. Precisamos ter uma vida intelectual em Brasília’”⁸. Cyro

⁶ A Universidade do Distrito Federal (UDF) aqui referida não é a mesma que tinha sido criada por Anísio Teixeira em 1935, com esse mesmo nome (Mendonça, 2000), e que durou apenas até 1939.

⁷ Esse livro foi publicado com o título “Arte plumária dos índios Kaapor”, tendo Berta como primeira autora.

⁸ Aqui a autora cita o livro de sua própria autoria sobre a vida de Berta (Callado, 2016, p. 41).

era um escritor mineiro, também de Montes Claros, e ocupava então o cargo de subchefe do Gabinete Civil da Presidência. A partir deste telefonema, continua Maria Laura:

começamos a nos reunir, os quatro, e depois Maria Yedda (importante professora de História) e outros foram se juntando ao grupo, pensando a futura universidade. Na segunda reunião, Berta já tinha datilografado um resumo organizadíssimo das sugestões que iam surgindo e distribuído cópia para cada participante. Ela era assim.⁹

O que se pretendia era reinventar o ensino superior e formar profissionais engajados na transformação do país. Criar uma experiência educadora que unisse o que havia de mais moderno em pesquisas tecnológicas com uma produção acadêmica capaz de melhorar a realidade brasileira. Darcy definiu as bases da instituição; Anísio Teixeira planejou o modelo pedagógico; Oscar Niemeyer transformou as ideias em prédios.

As regras, a estrutura e a concepção da Universidade foram definidas pelo Plano Orientador, uma espécie de Carta Magna, datada de 1962, e ainda hoje em vigor. O Plano foi a primeira publicação da Editora UnB e mostra o espírito inovador da instituição. “Só uma universidade nova, inteiramente planificada, estruturada em bases mais flexíveis, poderá abrir perspectivas de pronta renovação do nosso ensino superior”, está escrito no Plano Orientador¹⁰.

A atividade de Berta no Museu Nacional teve que ser interrompida porque o presidente Kubitschek chama Darcy para organizar a universidade em Brasília. E lá, com Darcy em imensa atividade e rápida ascensão — reitor da UnB, ministro da Educação, ministro da Casa Civil —, Berta se tornou mais que nunca uma supersecretária dele. Mas não parou de produzir.

Houve problemas na instalação do *campus*, e só em 15 de dezembro de 1961 o então presidente da República João Goulart sancionou a Lei 3.998, que autorizou a criação da universidade.

Darcy e Anísio convidaram cientistas, artistas e professores das mais tradicionais faculdades brasileiras para assumir o comando das salas de aula da jovem UnB.

⁹ Neste ponto o texto complementa a citação anterior do livro da própria Ana Arruda Callado sobre a vida de Berta (Callado, 2016, p. 41).

¹⁰ Aqui a autora cita a matéria “O campus da criação”, da Revista Darcy, nº 4, agosto-setembro de 2010, pág. 40-41, assinada pela jornalista Ana Beatriz Magno (<https://issuu.com/revistadarcy/docs/darcy04>). O Plano Orientador, citado por Magno, pode ser consultado em UnB (1962, p. 19).

“Eram mais de duzentos sábios e aprendizes, selecionados por seu talento para plantar aqui a sabedoria humana”, escreveu Darcy Ribeiro, em *A Invenção da Universidade de Brasília*.

A estrutura administrativa e financeira era amparada por um conceito novo nos anos 60 e até hoje “menina dos olhos” dos gestores universitários: a autonomia. “A UnB foi organizada como uma Fundação, a fim de libertá-la da opressão que o burocratismo ministerial exerce sobre as universidades federais. Ela deveria reger a si própria, livre e responsavelmente, não como uma empresa, mas como um serviço público e autônomo”, afirmou também Darcy, em *UnB: Invenção e Descaminho*.

A inauguração da UnB assemelhou-se com a construção da capital federal. Quase tudo era canteiro de obras, poucos prédios estavam prontos. O Auditório Dois Candangos, onde ocorreu a cerimônia de inauguração, foi finalizado 20 minutos antes do evento, marcado para as 10h. O nome do espaço homenageia os pedreiros Expedito Xavier Gomes e Gedelmar Marques, que morreram soterrados em um acidente durante as obras¹¹.

Morando em Brasília desde 1958, Berta colaborou com Eduardo Galvão no planejamento e na implantação do Departamento de Antropologia da UnB. E entre 1959 e 60, fixa-se em extensa pesquisa bibliográfica para seu artigo *Línguas e Culturas Indígenas no Brasil* e para o livro *Os Índios e a Civilização*, de Darcy.

Mas ficou quase como dona de casa a partir de 1963, quando Darcy é alçado a ministro da Casa Civil e eles vão morar na Granja do Ipê, também chamada Palácio do Ipê. Ela tinha que receber hóspedes importantes e, como sempre, aproveitava para aprender.

Com o marechal Josip Broz Tito, da Iugoslávia, que ficou alguns dias no Ipê com a esposa, dos sete dias em que esteve em Brasília, chegou a fazer amizade. Mas outra visita que fez muito sucesso no Ipê foi a dos sobrinhos de Darcy. Quem conta é Jacy, mãe da garotada¹².

Chegamos, Mário, eu e os sete filhos. Todos poeirentos da longa viagem por automóvel. E a guarda se perfilando para nos receber. Berta ficava horrorizada com o que os meninos faziam. Darcy adorava, se divertia. Os empregados também gostaram da bagunça que se estabeleceu; alguns choraram à saída deles. Os mais velhos, Fred e Ucho, ainda ficaram um tempo.¹³

¹¹ Esse trecho, presente também em outros documentos, parece ter como fonte primária o site da UnB (<https://unb.br/institucional-rodape/historia>).

¹² Esposa de Mário Ribeiro, irmão de Darcy.

¹³ Callado (2016, p. 42).

Outro que fala da vida no Ipê, e em uma qualidade importante de Berta, é Marco Antonio Tavares Coelho, então deputado e militante comunista sempre.

Quase todas as noites, Darcy e Berta reuniam um grupo de pessoas para debater as questões do momento e, principalmente, as ideias de Darcy. Ao mesmo tempo, talvez porque nunca tiveram filhos, para Berta era uma satisfação o convívio com Simone e Marquinho, naquele ambiente formal de um palácio. Ciente da doença de meus filhos, que exigia uma ingestão diária de banana prata, que não obtínhamos em Brasília, ela providenciava o abastecimento regular dessa fruta para os garotos.¹⁴

Muitos que frequentavam essas reuniões no Ipê lembram que elas iam ficando mais acaloradas à medida que as tensões políticas aumentavam. Maria Laura Leite Lopes conta como era:

No governo Jango, Darcy e Berta foram morar na Granja do Ipê. E lá ela era a mesma pessoa de sempre. No carnaval de 1964, fomos a Brasília, a convite de Darcy. Maria Yedda e Zé Linhares também foram e ficaram hospedados na Granja; nós ficamos no apartamento de minha família. Tomávamos café lá e passávamos o dia na Granja. Havia muita apreensão e um movimento enorme. Darcy preparava uma resposta a Carlos Lacerda e delirava. Uma noite, sentada ao lado de Darcy, eu disse: “Prefiro que seja tudo dentro da legalidade”, ao que ele respondeu: “Minha querida, há legalidades e legalidades”. Nós já estávamos no Rio, dia 31 de março, quando, à noite, Berta nos ligou dizendo: “Temos que resistir”. Eu não sabia o que dizer. Ela devia estar telefonando para todo mundo conhecido.¹⁵

Darcy, que, como Berta, achava que se devia resistir, permaneceu no Palácio do Planalto até ter certeza de que não havia mais nada a fazer. Conta nas *Confissões* (Ribeiro, 1997):

Lá pela uma hora da manhã, aquiesci e saí. Fui ao Ipê conversar com minha mulher, Berta, e com minha sobrinha Cleonice, que lá estavam, perplexas, me esperando. Mandeí Berta para a casa de Hermes Lima. Uma temeridade, porque punha em risco seu cargo de ministro do Supremo Tribunal Federal. Mas Hermes e Nenê a acolheram por uns dias. Zé de Catão, meu amigo fiel, é quem foi buscá-la para levar de carro a Belo Horizonte, dali para o Rio e semanas depois para o Uruguai.

A saída de Darcy do Brasil foi mais complicada. Pretendia ir para Buenos Aires e conseguiu ajuda do amigo Rubens Paiva (barbaramente assassinado anos depois pela ditadura) para, com Waldyr Pires, até então Consultor da República, chegar, a bordo de um

¹⁴ Callado (2016, p. 43).

¹⁵ Callado (2016, p. 44).

Cessna de propriedade do deposto presidente João Goulart, a uma fazenda do mesmo em Mato Grosso, fronteira com a Bolívia. Dia seguinte foram a um campo de pouso usado por contrabandistas do lado paraguaio do rio Paraná e assim chegaram à pequena Tauperi, no Uruguai. O aviãozinho aterrissou em um campo de ovelhas, e policiais uruguaios correram para prender os “contrabandistas”. Identificados, os dois pediram asilo político, o que lhes foi concedido.

O professor Domingo Carlevaro, fundador da Comissão de Vinculação dos Uruguaios no Exterior, foi quem contou para Haydée Ribeiro Coelho, autora do livro *Las Memorias de la Memoria: el exílio de Darcy Ribeiro en Uruguay*, o encontro de Berta e Darcy em Montevideú.

Ficamos muito, muito amigos, e de Berta também, que era uma mulher extraordinária. Agora, veja o que são as casualidades, o destino ou como se queira chamar. Berta tinha ido ao Rio e ficou de encontrar-se com Darcy em Buenos Aires.

Tomou um avião no Rio, com destino Buenos Aires. Esse avião fez escala em Montevideú, seguiu, mas não pôde aterrissar em Buenos Aires por causa da cerração, então voltou a Montevideú. Levaram os passageiros em trânsito para um hotel, o Nogaró, onde esperariam a continuação do voo no dia seguinte. Berta então telefonou para o único número que tinha de Montevideú, o de Cassinoni. Foi então que soube que Darcy estava em Montevideú.¹⁶

Mário Cassinoni era reitor da Universidade da República e foi a primeira pessoa que Darcy procurou no Uruguai. Cassinoni fez vários contatos que possibilitaram o estabelecimento de Darcy naquele país. Um desses contatos foi Carlevaro, que era estudante de Direito e representante estudantil na Comissão de Assuntos Universitários.

No Uruguai, Berta trabalha na pesquisa bibliográfica e na revisão de traduções para a série *Estudos de Antropologia da Civilização*, de Darcy, e no levantamento estatístico de *A Universidade Necessária*, também do marido.

Em 30 de setembro de 1968 o casal volta ao Brasil, na esperança de que haveria uma abertura, mas Darcy é preso e fica na Fortaleza de Santa Cruz, em Niterói, por oito meses. Berta mobiliza intelectuais e pessoas influentes para sua libertação. Contata até a Anistia Internacional, que envia ao governo brasileiro um documento afirmando que Darcy estava a serviço daquela entidade, em Paris, quando no processo contra ele constava sua presença em Cuba.

¹⁶ Esse trecho, aqui traduzido pela autora, pode ser lido na pág. 138 do original em espanhol (Coelho, 2003), que tem versão digital disponível no [site da Universidade Federal de Minas Gerais](#).

Mas ela quer chegar ao próprio presidente Costa e Silva. O escritor Abgar Renault, que então redigia os discursos do general, havia hospedado Berta em Brasília mais de uma vez. Ela pede que ele leve a seu chefe o pedido de um passaporte para Darcy deixar o país ao sair da cadeia. Abgar concorda, com a condição de o próprio Darcy escrever a carta a Costa e Silva.

Ele escreve, mas nela afirma que tinha uma oferta de emprego em Nova York, na Universidade de Columbia, e que precisava dele para sustentar a família. Costa e Silva manda que se conceda o passaporte. Logo depois, com o Ato Institucional número 5, há uma nova ordem de prisão para Darcy. O casal segue então para um segundo exílio, na Venezuela, para depois se abrigar no Chile, no Peru e no México.

Cada uma dessas mudanças era uma trabalhadeira para Berta, que sempre tinha que empacotar, despachar e arrumar no novo endereço as bagagens. Na vasta correspondência entre os Ribeiro e a arqueóloga Betty Meggers e seu marido antropólogo Cliff Evans, há detalhes muito significativos: Berta era quase sempre quem escrevia, em inglês; Darcy escrevia raramente, em português. Quando demora a responder uma carta, ela pede mil desculpas. Em uma das cartas do casal norte-americano, há uma observação preciosa: “*We hope you realize, Darcy, what a good slave you have*”, isto é, “Esperamos que você se dê conta, Darcy, da boa escrava que você tem”.

Em Lima, Berta realiza pesquisas sobre estrutura familiar e socialização em uma oficina coordenada pela professora Violeta Sara Lafosse, recolhendo dados para a dissertação dela, *Crianças Trabalhadoras – Trabalho e Escolaridade de Menores em Lima*.

De 1964 a 1976, Darcy estabeleceu residência em quatro países latino-americanos — Uruguai, Venezuela, Chile e Peru —, nos quais lecionou antropologia e participou de reformas dos sistemas universitários. Em 1971 transferiu-se para o Chile, onde assessorou o presidente Salvador Allende. Em seguida, aceitou convite para colaborar com o governo do general Juan Velasco Alvarado e participar do programa de criação do Centro de Estudos de Participação Popular, resultante de parceria entre o governo peruano e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD).

Em 1971, Berta vem ao Rio e fica hospedada na casa de Dalva e Fernando Gasparian, antigos amigos. Fred, sobrinho de Darcy, que já havia morado com ela no Rio quando fazia pós-graduação, vem visitá-la. Voltando a Santiago, ela faz sua primeira viagem à Europa, acompanhando Darcy, e conta aos amigos que gostou muitíssimo desta viagem — paga pelo governo argelino — “porque foi minha primeira vez, em 26 anos de casamento, que viajei com Darcy como se fossem férias”, isto é, sem trabalho. No ano

seguinte, ela recomenda a Betty e Clyff que leiam a tese de doutoramento de Carlos de Araújo Moreira. “Penso que ele é — depois de Darcy, claro — nosso melhor antropólogo”.

Em 1974, separa-se do marido e vem para o Brasil, passando a prestar consultoria para a elaboração do projeto do Centro de Documentação Etnológica e Indigenista do Museu do Índio do Rio de Janeiro, dirigido por Carlos de Araújo Moreira. Em 1975 assume a assistência de direção da Editora Paz e Terra, que havia sido comprada por Fernando Gasparian. No ano de 1976, estagia no setor de etnologia e etnografia do Departamento de Antropologia do Museu Nacional e atua como pesquisadora no projeto *Etnografia e Emprego Social da Tecnologia Indígena e Popular* coordenado por Maria Heloísa Fenelón Costa. Em 1977, torna-se pesquisadora B do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Visita diversas aldeias indígenas no Alto e Médio Xingu e no Ceará. Entre 1978 e 1979, participa do Movimento Feminino pela Anistia e da Campanha pela Demarcação das Terras Indígenas, coordenada pelo Conselho Indigenista Missionário (Cimi). Não descansa.

Em 1980, Berta obtém o doutorado em Antropologia Social pela Faculdade de Filosofia, Letras Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, com a tese intitulada “A Civilização da Palha”, que representa um dos mais completos estudos da cestaria indígena, alto-xinguana e alto-rionegrina, abordando aspectos tecnológicos, produtivos e estéticos dessas artes.

Uma das muitas importantes contribuições de Berta à antropologia foi elaborar instrumentos para estudo da cultura material dos indígenas, como o Dicionário do Artesanato Indígena, de 1988. Fundamental também foi sua contribuição ao primeiro volume da Suma Etnológica Brasileira, também da década de 1980.

A familiaridade na leitura e classificação de objetos levou Berta a enveredar pelos caminhos pouco trilhados da antropologia da arte no livro *Arte Indígena, Linguagem Visual*, publicado em 1989. Este livro constituiu-se na mais complexa abordagem dos conteúdos e significados das manifestações estéticas do índio brasileiro, através da análise de casos concretos.

Os caminhos percorridos por Berta Ribeiro sempre foram amplos porque vastos eram os seus interesses: antropologia, ecologia, museologia, arte e sua principal especialidade, a cultura material indígena. O compromisso e rigor com a produção de conhecimento renderam-lhe, em 1995, a medalha de Comendadora da Ordem do Mérito Científico, conferida pelo governo brasileiro.

Em *O Índio na Cultura Brasileira*, de 1987, sua última publicação em livro (Editora Revan), ela demonstra a importância da contribuição cultural que diversas nações, até hoje chamadas de “primitivas”, fizeram aos ditos até hoje “civilizados”. No prefácio, a autora afirma que procurou “ênfatizar que a cultura indígena continua ativa, embora inibida para desenvolver sua criatividade e potencialidade. Não obstante, é um organismo vivo. Muito se pode aprender com ela, se vencermos o preconceito e o desprezo que sempre se lhe votou”.

Em seguida, no livro, vêm as descrições das técnicas agrícolas, da farmacopeia, das estratégias de caça, dos tabus alimentares, da ecologia cultural de nossos indígenas e de como algumas dessas práticas passaram a fazer parte do dia a dia de grandes contingentes populacionais que com eles tiveram mais contato. Do mesmo modo, os leitores vão ouvir a voz lúcida e indignada de Berta contra a política indigenista praticada no país, com a eternamente injusta distribuição da terra, com o descaso oficial não só para com os índios, mas com todos os pobres, os excluídos.

O início de sua relação com a família do marido foi relatado por Maria Jacy, viúva de Mário¹⁷, no artigo que escreveu para a publicação *Fazimentos*, da Fundação Darcy Ribeiro, em 2009.

Conheci Berta em 1950, na formatura de Mário, meu namorado na época. Era a primeira vez que ela visitava Belo Horizonte. Ficou maravilhada com as obras de Niemeyer na Pampulha e com a comida mineira. Levei-a a diversos lugares, passeamos muito, mas conversamos pouco. A impressão que lhe causei não foi boa. Achou que eu era uma ‘burguesinha udenista’, ou seja, muito metida a besta. Era mesmo. Custou a mudar de ideia a meu respeito e só me considerou amiga mais tarde. Primeiro encantou-se com os sobrinhos, meus filhos, que moraram com ela durante anos, na pós-graduação, depois... virou minha irmã.

Esta fraternidade demorou um pouco porque Berta tinha forte desconfiança em relação às mulheres que eram apenas domésticas. Continua Maria Jacy: “Berta começou a me olhar como gente quando ela estava corrigindo provas e eu peguei uma e aponte uns erros de português. Ela se espantou e eu passei a ajudá-la a corrigir as provas”, conta.

A alguns dos sobrinhos, Berta se afeioou. Os dois mais velhos, Fred e Ucho (apelido de Mário), chegaram a morar com ela quando vieram para o Rio a fim de fazer a pós-graduação. E um dos mais novos, Paulo, que de 2008 a 2016 foi presidente da Fundação Darcy Ribeiro, ao tratar com carinho o acervo de Berta na entidade, lembrava-se

¹⁷ Maria Jacy era cunhada de Darcy (Lustosa, 2022), casada com o irmão dele, Mário Ribeiro (Lambert, 2017).

de quando ele, menino, era levado carinhosamente por ela para tomar banho na praia de Copacabana.

Quando lançou seu livro *Diário do Xingu*, em 1979, Berta faz uma dedicatória deliciosa, fundindo o nome dos dois sobrinhos mais velhos: “Fredyucho: É favor ler o *Diário do Xingu* senão Glória piora a comida. [Glória era a cozinheira da família.] Vocês me adotaram e acalentaram. Eu me agarrei a esta tábua de salvação bagunçada. Troquei um velho por dois jovens esplêndidos. Mas prometem torcer comigo? Conselho não adianta. Sou mais burra que um jumento. Só assim nossa tribo ficará completa e eu serei a rainha do mundo. Como veem, só sei dizer o que sinto por escrito. Com muito amor, a tia velha mas ainda aproveitável e papável. Beijos, Berta.”

Mas a recuperação da família perdida na infância ainda não tinha acontecido. Os Ribeiro a tinham recebido bem, mas na verdade a família dela foi por muito tempo Darcy, e só ele.

Depois de um tempo de felicidade conjugal e tendo o apoio da família Ribeiro, desenvolve um ciúme doentio de Darcy. Ele era, de fato, mulherengo, mas estou rotulando o ciúme dela de doentio porque revelava uma Berta completamente diferente da normal. A mulher inteligente e elegante, durante as crises de ciúme que se manifestaram diante de várias pessoas, era irracional e grosseira.

Ouso interpretar. Darcy, durante muito tempo havia sido a família que ela procurara desde sempre. Era como seu pai de volta. Perdê-lo era regressar aos terríveis tempos de menina, desamparada, só.

O pior para ela foi o interesse de Darcy pela jovem Cláudia, filha da jornalista Thereza Cesário Alvim. Quando ele começou a frequentar a casa da antiga amiga, nós todos do grupo de amigos comuns pensamos que Darcy estava interessado em Thereza; mas era a filha, de 22 anos, que ele visava. Quando Berta soube, tentou se matar, o que deixou Darcy irritadíssimo. Chegou a dizer, na casa dos amigos Moacyr e Nenem Werneck — e eu ouvi —, que ela estava sendo chantagista.

Cláudia e Darcy, unidos, viveram bem por cerca de 13 anos. E foi ela quem me contou o que talvez tenha sido a pior cena de ciúme de Berta.

“Quando Darcy e eu estávamos juntos há pouco tempo, Berta foi lá no apartamento e deu um ataque. Quis me bater. Darcy segurou os braços dela, que então se abaixou e mordeu minha perna. Estava completamente fora de si. Tirou toda a roupa e se

deitou, nua, em nossa cama. Darcy ligou para o Carlos Moreira, e ele e Ana Lúcia foram buscá-la lá em casa.”

O antropólogo Carlos de Araujo Moreira e sua esposa eram muito bons amigos tanto de Darcy quanto de Berta.

Foi, afinal, nos contatos com os povos originários que Berta reencontrou sua família — especificamente, os Desâna, do alto Rio Negro. Ao chegar pela primeira vez à aldeia São João, à margem do rio Tiquié, ela se encontra com um padre que lhe mostra anotações que recolhera sobre a mitologia Desâna, ouvindo relatos de dois moradores da aldeia. Entra em contato com os dois, Luís e Firmiano Lana, completa as notas do padre e desenvolve a descrição do mito com o qual aquele povo explicava a criação do mundo. Datilografa tudo, escreve um prefácio de 25 páginas, insere notas e legendas para as ilustrações que os Lana haviam feito. Manda tudo para a editora com a recomendação: “Os autores são Umusin Panlon Kumu e Tolaman Kenhiri”, dando o nome dos dois em língua Desâna.

O livro é publicado em 1980 pela Livraria Cultura de São Paulo com o título *Antes o mundo não existia: a mitologia heroica dos índios Desâna*. Faz muito sucesso e ganha traduções em italiano e em espanhol. Foi a primeira obra literária de autoria de indígenas publicada no Brasil.

Lembrei-me muito de mais este pioneirismo de Berta quando houve a eleição, neste ano de 2024, de Ailton Krenak para a Academia Brasileira de Letras, que assim reconheceu a cultura dos nossos povos originários, que Berta tanto havia apregoadado. Krenak, aliás, havia colaborado com Berta no projeto conceitual do Museu do Índio de Brasília. Depois de muito trabalho de toda uma equipe que foi sendo organizada por ela, o projeto não teve apoio das autoridades brasileiras e não foi adiante.

Berta desenvolve uma relação afetiva, de colaboração e de amizade com a família Lana para o resto de sua vida. Hospedava-se inclusive com eles, em outras visitas aos Desâna. Sobre a ecologia e a cultura material de sua nova família, publica, em 1995, *Os Índios das Águas Pretas*, como catálogo da exposição que organiza sobre a ecologia e a cultura material de sua nova família. Sempre ficou patente, em suas publicações e em seu discurso, o quanto ela prezava de modo especial os Desâna dentre todos os grupos indígenas que conheceu.

Maria Stella Amorim foi quem ouviu — e registrou — a frase de Berta que revela quando ela afinal encontrou uma família de verdade. “Eu não posso ser judia, porque não

tenho religião... Não tenho família, nem marido, nem filhos. Sou sozinha. Só tenho mesmo meu trabalho com os índios. Devo a eles o que sou... Eu me sinto Desâna”¹⁸.

Enfim, ela fora ao encontro deles para estudá-los e encontrou, afinal, a família que tanto procurara. Passa a ter, então, uma relação sadia com Darcy. Com ternura, sem ciúmeiras.

Em setembro de 1994, Berta recebe um diagnóstico de câncer no cérebro. Darcy tivera um câncer de pulmão, quando estava em Portugal, já separado de Berta, mas tinha se operado e curado. Nas *Confissões*, ele conta: “Meu câncer, segundo que tenho, é melhorzinho. Salvei-me do primeiro vinte anos atrás, arrancando o pulmão descartável e jogando fora. Agora, tenho câncer de próstata. Lamentavelmente, quando descobrimos, já tinha dado metástase, carunchando minha caveira. Não podia ser operado. Berta e eu mantemos o riso atarraxado na cara e os corações abertos às alegrias alcançáveis. Tudo bem.”

Darcy, então senador, deu todo o apoio a Berta, inclusive designando uma auxiliar de seu gabinete, a historiadora e antropóloga Maria Elizabeth Brea, para ajudá-la nas últimas tarefas.

Em janeiro de 1995, ela escreve uma carta de agradecimento ao ex-marido e agora grande amigo:

Querido Darcy: encontramos, no fim da vida, uma doença que, em parte, nos uniu. Acho que devemos usar a vida do modo que a usamos (em nosso tempo): produzindo coisas boas para os outros (e também para nós). Por isso fiquei contente quando você mandou a Betinha, que me está ajudando a terminar meu livro (que estava no meio igual o seu). A moça — enfermeira, também é simpática. Contratei com ela os fins de semana (sábado e domingo) para não ficar sozinha. Assim que melhorar irei a Maricá visitá-lo. Obrigada por tudo. Fique bom logo. Ontem estive com o Dr. Paulo Niemeyer. Depois conto. Beijos e abraços, Berta.

Elyan Dellaperuta foi outra auxiliar de Darcy que ajudou Berta durante o avanço da doença, participando inclusive do processo de revisão da aposentadoria dela na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Em abril de 1995, Darcy escreve ao reitor Paulo Alcântara Gomes, para que ele intervenha neste problema da aposentadoria de Berta.

¹⁸ Como consta em Vogas (2014), aqui mesmo na Terceiro Milênio, tal registro se encontra em AMORIM, Maria Stella. Berta Ribeiro: Identidade Desâna. In: VIANA, Rachel. (2009). Fazimentos, n. 9, Fundação Darcy Ribeiro.

Magnífico Reitor e prezado amigo.

Venho por em suas mãos um problema que sua sensibilidade humana apreciará bem. Minha ex-mulher, Doutora Berta Gleizer Ribeiro, que é a mais criativa e fecunda etnóloga brasileira, com obra publicada e reconhecida nacional e internacionalmente, está muito enferma. O pior, porém, é que está ofendida, amargurada com a aposentadoria de descaso que a UFRJ lhe deu, consignando metade do seu salário.”

Darcy pede então ao Reitor que “aperte sua burocracia” para fazer a revisão, alertando para o fato de que o tempo é curto, devido ao estado de saúde de Berta. Com essa interferência de peso, Berta passou a receber vencimentos integrais a partir de agosto de 1995.

Elyan levava inclusive Berta para passear, com o carro e o motorista de Darcy, convencida de que ela conseguia apreciar a paisagem. Mas, quando Darcy morreu, em fevereiro de 1997, seu sucessor no Senado, Abdias do Nascimento, dispensou Elyan, que voltou a seu trabalho na Faperj. Berta perdia, além do ex-marido cuja ternura recuperara, sua grande auxiliar. Mas ela já estava em coma desde dezembro do ano anterior. Berta faleceu em 17 de novembro de 1997.

Berta dissera a várias pessoas, e em várias ocasiões, que queria ser cremada. Maria Stella de Amorim escreveu a respeito disso em um artigo sobre Berta e sua tristeza pela forma com que ela terminara. “Interconexões entre ciência e afeto” é o título; nele, diz Maria Stella: “A irmã Jenny, que não a visitara quando doente, ao saber do desejo de Berta de ser cremada, em silêncio, de Nova York, tomou todas as providências para o funeral de Berta, com auxílio de associações israelitas no Rio de Janeiro.”

Inconformados com o desrespeito à vontade de Berta, os amigos decidiram não comparecer ao Cemitério Israelita no dia 19 de novembro de 1997.

REFERÊNCIAS:

CALLADO, Ana Arruda. (2016). Berta Ribeiro: aos índios, com amor: uma biografia. 1. ed. Rio de Janeiro: Batel.

COELHO, Haydée Ribeiro. (2003). Las memorias de la memoria — el exilio de Darcy Ribeiro en Uruguay. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG.

DARCY RIBEIRO. (2012). Confissões 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras.

LAMBERT, Natália. (2017). 20 anos sem as ideias do professor Darcy. Brasília: Senado Federal. Disponível em:

<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529824/noticia.html?sequence=1&isAllowed=y#:~:text=O%20pai%2C%20Reginaldo%20Ribeiro%20dos,quando%20ele%20tinha%203%20anos.> Acesso em: 24 mar. 2025.

LUSTOSA, Daniel. (2022). Centenário de Darcy Ribeiro reúne amigos e familiares para compartilhar histórias. UnB Notícias, 1º nov. 2022. Brasília: Universidade de Brasília. Disponível em: <https://noticias.unb.br/112-extensao-e-comunidade/6122-centenario-de-darcy-ribeiro-reune-amigos-e-familiares-para-compartilhar-historias>. Acesso em: 24 mar. 2025.

MAGNO, Ana Beatriz. (2010). O campus da criação. Darcy: Revista de Jornalismo Científico e Cultural da Universidade de Brasília, nº 4, ago-set 2010. Brasília: Universidade de Brasília. Disponível em: <https://issuu.com/revistadarcy/docs/darcy04>. Acesso em: 30 dez. 2024.

MENDONÇA, Ana Waleska P.C. (2000). A universidade no Brasil. Revista Brasileira de Educação, mai-ago 2000, nº 14. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/SjbNJRqbdCvKtgLrFskfxLJ/?format=pdf&lang=pt> . Acesso em: 19 dez 2024.

RIBEIRO, Berta G.; RIBEIRO, Darcy. (1957). Arte plumária dos índios Kaapor. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

RIBEIRO, Darcy. (1997). Confissões. São Paulo: Companhia das Letras.

UnB. (1962). Plano orientador da Universidade de Brasília. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1962. Disponível em: https://www.portal.unb.br/images/Noticias/2019/Documentos/PDE_UnB_Plano_Orientador_UnB_1962_LQ.pdf . Acesso em: 19 dez 2024.

Ana Arruda Callado

Doutora em Comunicação Social, jornalista, escritora, autora de “Berta Ribeiro: aos índios, com amor: uma biografia”.